



X COLÓQUIO INTERNACIONAL

"Educação e Contemporaneidade"

22 a 24 de Setembro de 2016

São Cristóvão/SE - Brasil



ISSN: 1982-3657

Castigos Escolares: Representações e Práticas de Professoras Aracajuanas

MILENA CRISTINA ARAGÃO RIBEIRO DE SOUZA

EIXO: 11. EDUCAÇÃO, SOCIEDADE E PRÁTICAS EDUCATIVAS

Resumo: O presente artigo objetiva compreender a construção das práticas e representações de professoras atuantes na educação infantil sobre os castigos escolares. Com isso, foi realizada uma pesquisa descritiva de cunho qualitativo com duas professoras atuantes na educação infantil de uma escola particular de Aracaju/SE. Como instrumento de coleta de dados foram utilizadas a entrevista semi-estruturada e a observação na atuação docente. Como resultado, percebemos que as professoras foram castigadas fisicamente na infância, tanto em casa, quanto na escola. Já no curso de formação, a questão dos castigos não foi abordada e na prática profissional, elas não utilizam castigos físicos, mas sim morais, sem, contudo, refletir sobre seu uso, já que afirmam que o castigo não elimina a indisciplina. O presente estudo visa contribuir com reflexões acerca das práticas de castigos escolares, geralmente naturalizadas em nossa cultura, levantando questões-problema, a fim de auxiliar no aprimoramento da relação professor-aluno. **Palavras**

chaves: Educação, castigos escolares, docência. **Abstract** This paper aims to understand the construction of the practices and representations of active teachers in early childhood education on the punishment experienced in your life (childhood, in the course of training and professional practice). Thus, a descriptive research of qualitative approach with two teachers was performed using both observation in class, as interviews. As a result, we realize that the teachers form physically punished in childhood, both at home and at school. In the training course, the issue of punishment has not been addressed and professional practice, they do not use physical punishment, but moral, without, however, reflect on their use, as say the punishment does not eliminate indiscipline. This study aims to contribute to reflections on school punishment practices, often naturalized in our culture, rising problem issues, to assist in improving the teacher-student relationship.

Key words: Education, School punishment, Teaching and Habitus

Introdução Ao lermos textos voltados para os castigos escolares percebemos o quão vulneráveis essas crianças estão acerca das práticas exercidas nessas instituições educacionais, como foi citado em alguns dos textos escritos por Aragão (2013) e Souza (2015), em que os alunos eram submetidos a castigos caso não correspondessem a atividade exigida ou não se comportassem da maneira esperada; tais punições eram tanto de cunho físico, quanto moral, provocando vergonha e humilhação nos estudantes. Outro texto redigido pela mesma autora, intitulado: “Castigos escolares: memórias, significações e práticas” (ARAGÃO, 2015), lemos sobre relatos de ex-alunas acerca de algumas punições que sofreram como, reguadas e palmatoadas nas mãos, o qual nos fez refletir sobre a necessidade de pesquisas voltadas para os castigos escolares. Vale salientar que, ao longo do século XIX e anteriores, estendendo-se até meados do século XX (SOUZA, 2015) os castigos escolares foram utilizados como forma de punir comportamentos que eram considerados inadequados. Segundo ARAGÃO (2013, p. 01) “O verbo castigar vem do latim “castigare” e seu uso decorre do século XIII, como ato de repreender, advertir. Na educação formal, castiga-se para repreender o aluno por uma falta cometida ou pela dificuldade de aprendizagem”. Esses castigos tinham como principais objetos os chicotes e as palmatórias, tendo por finalidade causar sofrimento e humilhações nos alunos, para que aprendessem o tema da aula ou se comportassem corretamente. Desta forma, o uso dos castigos no universo escolar não é algo recente, estando fortemente presente no contexto histórico da docência, onde – até os dias atuais -se utilizam de métodos punitivos como forma de instruir e disciplinar, com o intuito de manter o aluno dentro das normas impostas pela instituição, tornando-se, portanto, parte da ação pedagógica e naturalizado em sala de aula. Neste sentido, o desenvolvimento desse trabalho também visa compreender e questionar a naturalização dos castigos no cotidiano escolar. Assim, o problema central a ser discutido reside na seguinte indagação: Como as professoras constroem suas práticas e representações sobre os castigos escolares?

Neste contexto, questionamos, também, a influencia dos cursos de formação na escolha dos castigos utilizados, isto é, se o castigo é uma construção cultural, será que o curso de Pedagogia aborda este tema?

Será que ele contribui para pensar as práticas de castigo?

Temos por objetivo, portanto, compreender as práticas e representações de castigos escolares de professoras atuantes na educação infantil. Com isso, foi realizada uma pesquisa descritiva de cunho qualitativo, utilizando tanto a observação da atuação docente em classe, quanto entrevistas, as quais foram analisadas através da Análise Textual Discursiva. O público alvo foram duas professoras de educação infantil atuantes em

Aracaju/Sergipe. O presente estudo visa contribuir com reflexões acerca das práticas de castigos escolares, geralmente naturalizadas em nossa cultura, levantando questões-problema, a fim de auxiliar no aprimoramento da relação professor-aluno. **OS CASTIGOS NA PERSPECTIVA HISTÓRICO-CULTURAL** A história da educação brasileira possui consigo uma imensa bagagem, onde se encontram cultura, crenças, valores e acima de tudo, práticas de castigos que são aplicadas no universo escolar, onde se apresentam como forma de disciplinamento com base em métodos de ensino e técnicas disciplinares. A escola se apresenta, dentro desse contexto, como um espaço responsável pela formação do indivíduo, que por sua vez, cabe a mesma prestar um serviço de qualidade, garantindo o aprendizado e a segurança, pois é competência da escola e do Estado estar atenta ao disciplinamento oferecido ao cidadão. Neste contexto, particularmente tratando-se da presença do Estado como regulador e regulamentador de práticas sociais e escolares, os castigos apresentam grande relevância, em especial a partir do século XIX, quando foi inserido no corpo da primeira Lei do Ensino brasileiro, a Lei Imperial de 15 de novembro de 1827, a qual escreveu que os castigos deveriam ocorrer baseado no Método de Ensino Lancasteriano que refutava os castigos físicos e enaltecia os castigos morais. Segundo Souza (2015), p.164) "tais punições não tinham a intenção de aviltar o corpo, mas produzir o sentimento de vergonha no discípulo que cometesse alguma falta". Ao longo de todo o século XIX, uma série de legislações provinciais foram escritas, de modo a normatizar o uso dos castigos, buscando reduzir os castigos físicos, com o uso da palmatória, substituindo-os pelos de cunho moral, que incitassem a vergonha. Desde então, o castigo escolar vem transitando em suas diversas formas de pensamentos e discussões, sendo alterado ao longo do tempo a depender da cultura de determinados tempos históricos. (SOUZA, 2015) Cabe salientar que ao abordarmos o termo cultura, estamos nos referindo a um

Padrão de significados transmitidos historicamente, incorporado em símbolos, um sistema de concepções herdadas expressas em formas simbólicas, por meio das quais os homens comunicam, perpetuam e desenvolvem seu conhecimento e suas atividades em relação à vida". (GEERTZ, 1973,p.89, *apud* SOUZA, 2015, p. 24)

A cultura se apresenta como uma forma de expressar a característica de uma sociedade, tais características fazem parte de um conjunto de significados e valores construídos, onde são expressos em diferentes formas e concepções, bem como colaboram para a elaboração de nossas representações, Conforme Chartier (1990)

Em todas as épocas nós, como sujeitos e construtores de nossa história,

elaboramos formas de explicar, expressar e traduzir a realidade, ou seja, construímos formas de representar esta realidade, a fim de dar sentido ao mundo, gerando condutas e práticas sociais, que são expressas em forma de imagens, mitos, símbolos e também discursos, o qual produz “[...] estratégias e práticas que tendem a [...] justificar, para os próprios indivíduos, as suas escolhas e condutas.” (CHARTIER, 1990, p. 17). Diante do exposto, pensar nossas ações como estando apoiadas nas representações que construímos sobre o mundo, representações estas alicerçadas na cultura, torna-se imprescindível abordar o conceito de *habitus*. De acordo com Bourdieu (apud Souza, 2015, p. 42)

habitus é a internalização de traços culturais; um processo de inculcação de valores, condutas e comportamentos que o sujeito incorpora ao longo da vida, em seus processos de socialização, sem que tenha consciência. Ele está presente quando o sujeito age sem pensar, automaticamente. É, portanto, uma espécie de senso prático do que se deve fazer numa determinada situação. (SOUZA, 2015, p.42) Tendo em vista o que foi citado acima, podemos perceber que a docente, em sua atividade profissional, leva consigo representações sobre o papel que executa, bem como *habitus* incorporado culturalmente que guia algumas de suas ações em classe, em especial no que concerne aos castigos Assim, falar sobre castigos nos remete a fazer várias reflexões sobre a prática docente: Como os professores consideram os castigos?

Em nossa experiência durante a execução desta pesquisa, nos deparamos com relatos que diziam que os castigos eram considerados para alguns professores como uma palavra impronunciável, será que na prática também é considerada inaplicável?

Pois bem, como os castigos para os educadores são vistos como disciplina, acabam sendo aplicados de diferentes maneiras, como: ficar separadinho, sentar na cadeirinha do pensamento, não lanchar, não brincar, enfim, existe uma gama bem diversificada quando se refere a castigos escolares na atualidade. Apesar dos castigos físicos (palmatória, ficar ajoelhado no milho, entre outros) terem sido proibidos ao longo do século XIX, essas outras formas de punição não deixam de ser castigos, os quais visam incutir sentimentos de medo, vergonha e até humilhação nos alunos. Contudo, na década de 1990, foi instituída uma Lei de proteção à infância conhecida como ECA (Estatuto da Criança e do Adolescente), a fim de (também) regulamentar o uso dos castigos sendo potencializado com a Lei Menino

Bernardo, onde os castigos físicos e morais passaram a ser proibidos. De acordo com o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA):

Art. 18-A. A criança e o adolescente têm o direito de ser educados e cuidados sem o uso de castigo físico ou de tratamento cruel ou degradante, como formas de correção, disciplina, educação ou qualquer outro pretexto, pelos pais, pelos integrantes da família ampliada, pelos responsáveis, pelos agentes públicos executores de medidas socioeducativas ou por qualquer pessoa encarregada de cuidar deles, tratá-los, educá-los ou protegê-los. (BRASIL, 1990)

O Estatuto da Criança e do Adolescente (1990) tem por objetivo promover a integralidade da criança e do adolescente. Tais medidas protetivas têm como base a evitar atitudes que desrespeitem a criança, sejam elas de cunho físico ou psicológico, criando com isso, um olhar diferenciado frente os seus familiares e as ações dos professores, exigindo que estes sujeitos adotem posturas mais respeitosas ao educar uma criança. Assim, as professoras passaram a criar novas estratégias para que pudessem manter o controle estabelecido, contudo, que estratégias são estas?

O que ficou de permanência da história de vida e o que mudou em suas práticas?

Os castigos que elas utilizam seriam fruto do habitus?

Como elas vivenciaram os castigos na sua vida, seja na infância, escola, curso de formação e atuação profissional?

Partindo das indagações acima e diante de tudo o que foi exposto no presente texto a respeito dos castigos escolares, além de todas as reflexões e questionamentos que foram levantadas através de algumas questões evidenciadas no seu processo histórico; abordaremos nas próximas linhas, o percurso metodológico da pesquisa realizada com duas professoras que atuam na educação infantil, em uma instituição de ensino na cidade de Aracaju/Se.

Caminho Metodológico Trata-se de uma pesquisa descritiva de cunho qualitativo, utilizando como instrumento de coleta de dados tanto entrevistas semi-estruturadas, quanto observação da atuação docente. Cabe salientar que, inicialmente, ao participarmos do projeto de pesquisa e nos depararmos com a responsabilidade de desenvolver um artigo científico dentro desse projeto, foi um momento de muita felicidade e ao mesmo tempo angustia, pelo fato da incerteza se iríamos corresponder com as expectativas existentes. Com isso, começou a nossa longa “caminhada” rumo ao desenvolvimento desse trabalho.

Começamos com a tarefa de realizar uma pesquisa de campo, onde foram desenvolvidas observações em classe e entrevistas com duas professoras atuantes na educação infantil em uma escola particular na cidade de Aracaju/SE. A observação teve duração de cinco dias consecutivos, equivalendo a três horas e trinta minutos diários. Todo o material colhido através da pesquisa foi obtido com base nas observações em classe, além das atividades recreativas da instituição. Já as entrevistas foram realizadas nas dependências da escola, em local e data acordados entre as pesquisadoras e a professora, tendo, cada uma, duração de uma hora aproximadamente. As informações colhidas foram gravadas em áudio, respeitando o sigilo imposto pelas regras estabelecidas pelo Comitê de Ética em Pesquisa. Realizamos entrevistas individuais, com o intuito de transmitir um ambiente mais propício e acolhedor, para que pudessem expressar todas as suas vivências carregadas de sentimentos e representações. E lá estávamos atentas as falas, a olhares e expressões de cada entrevistada. Para facilitar esse encontro, no período de observação buscamos estar interagindo com ambas as educadoras para que começássemos a criar uma “ponte” entre nós, podendo assim, quebrar qualquer tipo barreira ou resistência que dificultasse a realização das entrevistas. Ao final percebemos o quão rico foi esse momento em nossa vida profissional enquanto pesquisadoras, onde acabamos fazendo parte de suas experiências, que ficarão marcadas em nossas lembranças, onde nos possibilitou fazer parte dessa “viagem”, através de suas histórias de vida e todo o sentimento incutido por traz dos seus relatos. Segue abaixo uma tabela com dados coletados, contendo: nomes fictícios, ano de nascimento, idade de ingresso na escola normal, cidade e estado, ano de ingresso na graduação e o tempo de atuação. Tabela 1: Identificação das docentes

Nome	Ano de nascimento	Idade que ingressou na escola	Local	Ano de ingresso na graduação	Tempo de atuação
Sofia	1980	08 anos	Ribeirópolis/SE	2009/2012	10 anos
Deise	1979	08 anos	Capela/SE	2009	02 anos

Fonte: Tabela elaborada pelas autoras. Ao entrevistar as docentes, buscamos mergulhar nas suas histórias de vida, na suas forma de pensar, sentir e agir. A partir disso, pontuamos algumas reflexões acerca da construção dos castigos como sendo culturalmente aprendidos. Iniciamos com perguntas voltadas para as práticas de castigos na vida pessoal e escolar, dando sequência para o curso de formação em pedagogia e por fim na sua atuação em sala de aula. Traçamos assim, discussões e reflexões de suas representações a respeito da temática dos castigos escolares. Após as transcrições, os depoimentos foram analisados através da Análise Textual Discursiva (MORAES,2003). Criamos, assim, categorias para poder facilitar a nossa compreensão e poder discutir melhor os conteúdos

adquiridos, com isso, construímos três categorias. A primeira tratou dos castigos vivenciados no contexto familiar e escolar. A segunda categoria foi: castigos no curso de formação. E a terceira categoria trabalhou: práticas de castigos escolares na atuação profissional. Abordaremos a seguir, os resultados obtidos através das entrevistas, discutindo e relacionando teoria e prática a respeito da temática apresentada. **Resultados e Discussões** Em nosso primeiro dia de observação, lá estávamos, ansiosas, acreditando que iríamos colher as informações que precisávamos, de forma rápida e precisa, no entanto, percebemos, ao adentrar nas salas de aula, olhares desconfiados e muito intrigantes. Nesse momento, nos deparamos com a certeza que não seria tão fácil assim, sem deixar de mencionar aqueles olhares pequeninos e curiosos, perguntando: "tia ela vai estudar aqui... ela vai trabalhar aqui?"

". Minutos mais tarde, já não éramos uma novidade naquele ambiente para as crianças, no entanto, notamos que as professoras permaneciam em seus comportamentos iniciais, mostrando-se desconfiadas e ameaçadas, devido ao fato de se sentirem invadidas em seu espaço profissional, prolongando esse comportamento até o final do segundo dia. Nos dias seguintes, tudo começou a fluir, os comportamentos espontâneos começaram a surgir, e palavras como: "menino enjoado, vou lhe deixar sentadinho ali naquela cadeirinha do pensamento", seguindo de olhares ameaçadores, gritos, puxões pelo braço. Ao final das observações realizamos as entrevistas, onde colhemos os últimos dados que precisávamos para dar seqüência ao nosso trabalho. Posteriormente o período de observação, seguimos para as entrevistas e já na coleta dos dados iniciais, algo nos chamou a atenção. Na tabela exposta neste texto, a qual explicita dados sobre as docentes, observamos que as entrevistadas nasceram na década de "setenta" e "oitenta" (70 e 80), ingressaram na escola com a mesma idade, ambas residentes em diferentes cidades no interior do estado. Percebemos como a história dessas educadoras estão entrelaçadas. Sofia ingressou na escola normal em 2001, após algum tempo começou a trabalhar. Em 2009 por motivos pessoais parou de cursar, retornando a sua graduação somente em 2012, por decorrência da legislação, na qual impedia a atuação docente sem uma formação. No caso de Deise, ficou um ano como monitora e após esse período foi promovida como auxiliar de classe, onde permaneceu por quatro anos, começou a sua graduação em 2009, atuando como docente após a sua formação, que exerce a dois anos. Com isso, percebe-se em ambos os casos, que antes de obterem uma formação já atuavam como docentes, expressando assim, a falta de uma qualificação e a construção de um conhecimento baseado apenas em observação e orientação, potencializando a concepção de que a forma como são aplicados os castigos em suas práticas profissionais fazem parte das representações construídas nas suas vivências familiares e em outros espaços. Portanto, seguiremos com a primeira categoria: **vivências de castigos no contexto familiar e escolar**. Temos como objetivo

nessa categoria compreender as representações desses castigos, como as docentes vivenciaram essas práticas, quais os significados extraídos e internalizados por essas vivências e os sentimentos originados por essas situações. Podemos perceber que os sentimentos que embasam os relatos das docentes no que se refere aos castigos estão claramente explícitos em seus depoimentos, como a exemplo o relato de Sofia, professora que atua desde 2006 numa instituição particular em Aracaju/SE:

Eu me sentia muito triste, muito, muito mesmo ... quando eu apanhava, eu apanhei bastante: de corda, de bainha de facão, de sandália de couro, reio de couro e de palmatoria. (...) mais os sentimentos que as vezes me dá é de revolta. (SOFIA, 2016).

A observação feita por Sofia em relação aos sentimentos decorrentes das práticas de castigos que sofreu na sua infância traz consigo tristeza, ressentimento e revolta. Estando também presente no relato de Deise, professora que atua desde 2006 numa instituição particular em Aracaju/SE:

Me sentia muito triste com os castigos que sofria e com o meu pai. Os meus sentimentos não mudaram até hoje em relação a essas coisas, eu tenho raiva dele e ele tem raiva de mim e eu percebo que esses meus irmãos ainda sentem raiva de mim. (DEISE, 2016). Neste relato, Deise expressa os seus sentimentos em relação aos castigos que sofreu do seu pai e de seus irmãos, enaltecendo o sofrimento ao vivenciar os castigos em sua vida. A entrevistada Sofia também falou sobre como se sentia:

Meu pai era aquele pai super-protetor, era não, é, na imaginação dele ser um pai protetor era prender, não dava um lazer, era trabalhar e ele não deixava muito estudar, eu estudava mais pelo meu entusiasmo e o apoio da minha mãe, por que pelo meu pai, eu nunca teria estudado. Hoje ele tem orgulho de mim, você precisa ver a todo mundo ele diz com o maior orgulho tenho uma filha professora, mais antes ele não estimulava que eu estudasse. Eu não tinha um lazer, eu não podia ir à praça conversar com as colegas, eu não saía, tinha um matinezinho, um clube lá perto de onde eu morava, eu não podia ir por que o meu pai não deixava, e se eu fosse quando eu chegasse apanhava. (...) O castigo do meu pai, ele falou que era me tirar da escola, quando ele falou que ia me tirar da escola, aí meu mundo desabou por que praticamente era única diversão que eu tinha, por que ser criada no interior já é difícil, porque sem lazer nenhum você só trabalhar, trabalhar e eu trabalhei muito, muito, muito, eu trabalhei muito.

(SOFIA, 2016).

No relato acima a entrevistada expressa a forma que era imposta a disciplina familiar e como os castigos eram aplicados. DEISE (2016), também relata que seu pai era bastante inflexível:

O meu pai era mais rígido que minha mãe, apesar de não estar presente, ele quando chegava colocava mais medo que minha mãe, eu sofri muito com o meu pai, ele batia em minha mãe, puxava os cabelos dela. O meu irmão mais velho me batia muito, me espancava, tipo pegava maniba (pé de mandioca), eu sei que não era fácil, gostava de ficar nas casas das outras pessoas, só que ele me batia sem mais nem menos, só por que eu saía, ia para a casa das colegas, aí ele chegava e quebrava as manibas em mim, o meus dois irmãos me batiam, mas isso ocorria mais com o mais velho. (DEISE, 2016).

Os relatos expostos trazem consigo experiências vividas a respeito dos castigos sofridos na infância, onde expõe a forma como os castigos físicos eram aplicados: permeados por muita violência e gerando sofrimento nas crianças. Percebe-se que o castigo era imposto como a única forma de educar, sendo utilizado pelos pais como um instrumento para punir. Segundo Foucault (2005), a punição é um mecanismo de poder utilizado para tornar as pessoas dóceis, para adestrar os sujeitos para se adequarem às normas estabelecidas. Assim, para o autor, o castigo tem a função de corrigir as pessoas e controlá-las, reduzindo as “desobediências”, sendo, então, puramente corretivo. Para Sofia, a escola era vista como uma fuga do seu contexto familiar, desse local onde ela tanto sofria, ao qual era exposta a práticas disciplinares rígidas. No entanto, ao que se refere às práticas de castigos escolares impostas pelas professoras, Sofia (2016), afirma que:

Ela dava punições, e antigamente as punições eram mais severas, eles ficavam ajoelhados no milho, raramente isso acontecia, só com os mais levados. Só ficavam de castigos na época da tabuada, que creio, que todas nós passamos por isso, né?

Quando errava, a palmatoria era mais feita entre os próprios alunos, quem acertava batia, a professora nessa questão ela não interferia, era aluno entre aluno, tinham aqueles mais malvados que gostavam de bater mais forte, né?

Eu costumava acertar a tabuada, mais depois esquecia. Eu fazia de tudo, de

tudo para não ficar, eu já saía de casa com trauma, pedindo a deus que não ficasse, por que ficava durante todo o recreio, que era meia hora ajoelhado no bendito milho. (SOFIA, 2016). Interessante que ela fugia dos castigos em casa, indo para a escola, mas a escola também castigava bastante. Com o relato de Sofia podemos perceber como eram aplicados os castigos escolares na sua época de infância. Assim como Sofia, Deise relata que: "Quando eu estudava nessa escola de freiras, eu apanhava muito de palmatória, como eu disse, eu não gostava de tabuada, por isso que reprovei no primeiro ano", disse DEISE (2016), acrescentando ainda que:

Mandavam agente estudar em casa a tabuada, como eu não tinha aquele incentivo todo, por que ia cuidar de meu irmão né, essas coisas... ai quando chegava no dia cadê a tabuada, ai quando chegava minha vez, a professora tinha mandado fazer os grupinhos, ai um batia nos outros com a palmatória, eu não sabia de nada e nem tinha interesse de aprender e ninguém me estimulava, eu acho hoje que foi falta de incentivo. Para a professora era a maneira da gente aprender. Também arguição para agente decorar, tipo ciências, geografia, não acertou levou palmatória e o mais interessante era que não era a professora de dava, era os próprios alunos. (DEISE, 2016). Para Luckesi (1999), o motivo da professora castigar o aluno não é para ele aprender, mas para reparar um erro:

A razão imediata e aparente do castigo decorre do fato de o aluno manifestar não ter apreendido um conjunto determinado de conhecimentos (...). Porém, a questão do castigo é mais profunda. A idéia e a prática do castigo decorrem da concepção de que as condutas de um sujeito (...), que não correspondem a um determinado padrão preestabelecido, merecem ser castigadas, a fim de que ele "pague" o seu erro e "aprenda" a assumir a conduta que seria correta. Isso conduz à percepção de que o entendimento e a prática do castigo decorrem de uma visão culposa dos atos humanos (...). Nesta perspectiva, o erro é sempre fonte de condenação e castigo, porque decorre de uma culpa e esta, segundo os padrões correntes de entendimento, deve ser reparada. Esta é uma compreensão e uma forma de agir que configuram nosso modo cotidiano de ser. (LUCKESI, 1999, p. 32) As semelhanças nos relatos de Sofia e Deise são evidentes, onde eram expostas a práticas de castigos similares, ou seja, a palmatória utilizada pelos colegas de classe, como meio de punir os alunos que não sabiam a tabuada. Segundo SOUZA (2015) os professores permitiam que os colegas

punissessem como forma de burlar as regras, pois nesse período histórico que estavam inseridos não era permitido as práticas de castigos físicos, conforme pontuado no início deste artigo. Percebe-se que a forma como as entrevistadas vivenciaram os castigos estão interligados em seus diferentes contextos, familiar e escolar, sendo expressos através de práticas punitivas, fazendo com que as mesmas levem consigo todas essas representações para a sua formação docente e reproduzam sobre diversas formas. Diante disso, alguns questionamentos nos fazem refletir: Como suas vivências familiar e escolar contribuíram para as suas práticas docentes?

Quais as representações que foram construídas ao longo desse tempo por essas docentes?

Qual a influência que a formação docente teve nesse processo?

E se teve como isso ocorreu?

Por essas e outras indagações é que surge diversas reflexões a respeito do papel dessas docentes enquanto construtoras de conhecimentos e como as mesmas percebem essas práticas. Diante de todo o contexto exposto, surgem questionamentos e reflexões a respeito de todas essas práticas abordadas, levando-nos a refletir sobre a formação docente dessas professoras e toda a sua influencia a respeito da construção desses conhecimentos. Portanto, esses questionamentos nos direcionam para mais uma categorização: **Os castigos no curso de formação**. No que se refere a sua formação, ambas alegaram não terem sido expostas a conteúdos disciplinares voltados para os castigos escolares na formação, isto é, não tiveram teorias para ajudá-las a pensar na melhor forma de disciplinar. Contudo, conforme Sacristán (1999), a teoria sempre vai existir, mesmo que não seja a adequada.

[...] todo professor, pelo fato de ser humano, dispõe de material cognitivo, possui 'teorias', pensamentos sobre o que faz, sobre o que se pode e sobre o que é preciso fazer; possui crenças sobre suas práticas, elabora explicações sobre o que tem feito, o que continua fazendo e sobre os planos alternativos que é preciso desenvolver. São as suas teorias. [...] Devido a essa concisão, admitimos o princípio de que toda a atividade prática tem por trás de si mesma a orientação do conhecimento, de algum tipo de conhecimento, considerando também, a qual conhecimento se refere e de qual poderia ser. (SACRISTÁN, 1999, p.100). No entanto, no período de estágio, as mesmas presenciaram práticas de castigos escolares aplicadas pela professora titular. De acordo com SOFIA (2016):

A professora (...) batia no menino com o diário na cabeça, ela empurrava ele sobre as cadeiras, ela fazia questão de expor para todos que o pai do menino era traficante, era ladrão, que estava preso, que o relógio que o filho estava usando era o pai que tinha roubado. Tinha outra criança, você via como ela era carente, que na verdade ia para a escola somente para comer e a criança perguntou pra ela "oi tia" olha esse foi o fato que mais me marcou, "tia o lanche hoje vai ser só uma banana?"

", uma criança de cinco anos, aí a professora perguntou para a criança, seu filho da puta seu pai botou alguma coisa aqui?

Foi seu pai que comprou para você exigir o que vai comer?

Isso não tinha condição de ser professora, principalmente você sendo pedagoga. Assim, como foi uma criança podia ser o seu filho, seu sobrinho, se acontecesse isso com ele, você ia gostar?

Eu presenciei na época de estagio foi o que mais me chamou atenção, foi essas atitudes, essas prerrogativas. (SOFIA, 2016)

Completa seu relato dizendo:

Ela falava alto quando ela explicava, o que não entendia, ela dizia as crianças que eram burros, que ela não iria abrir a cabeça de ninguém e em relação ao lanche quando as crianças estiverem chorando. Agressão, ela empurrava as crianças com muita agressividade. Eu acho que a própria diretora sabia, e fingia que não sabia ou tinha medo dela, devido ela ser professora concursada, ensinava há muitos anos, eu imagino que ela sabia que a professora não tinha medo de sair e "fechava os olhos" ou "tapava o sol com a peneira" (SOFIA 2016). Nos relatos de Deise, a mesma descreve experiências também vivenciadas no período do estágio: "Eu já vi uma de agressão, onde a criança estava lá sentada, não queria fazer o dever, parece, aí pegou na mão, apertou e depois apertou a região da boca, mas essa pessoa já saiu dessa escola, foi punida." (Deise, 2016). DEISE (2016) expõe nesse relato, sua experiência vivida no estágio a respeito de práticas de castigos escolares, que por sua vez, está atrelado ao relato de SOFIA (2016), contudo, os relatos citados foram frutos de experiências vivencias e práticas culturalmente construídas, não tendo a presença de uma teoria que ajudasse a refletir sobre a prática. Todavia, segundo a LDB - 9394/96 no Art. 61 parágrafo único, a formação deve ser feita pela "a associação entre teorias e práticas, mediante estágios supervisionados e capacitação em serviço"; mas os estágios não cumpriram o papel de fazer esta aproximação.

Conforme o Parecer 28/2001:

A prática não é uma cópia da teoria e nem um reflexo daquela. A prática é o próprio modo como as coisas vão sendo feitas cujo conteúdo é atravessado por uma teoria. Assim a realidade é um movimento constituído pela prática e pela teoria como momentos de um dever mais amplo, consistindo a prática no momento pelo qual se busca fazer algo, produzir alguma coisa que a teoria procura conceituar, significar e com isto administrar o campo e o sentido desta atuação. (BRASIL, 2001, p.08). Assim, tanto SOFIA (2016), quanto DEISE (2016) fizeram parte de contextos onde os castigos físicos eram fortemente aplicados, sem terem tido uma reflexão teórica sobre ele. Deste modo, a formação não foi eficaz para gerar a reflexão crítica. Os castigos existem na vida das professoras em diversos contextos, desde a infância, a vida escolar e a experiência do estágio. Diante do que foi exposto, nos deparamos com outros questionamentos a respeito da forma que essas docentes desenvolvem práticas escolares voltadas para a indisciplina e como lidam com esses alunos, com isso, leva-nos a última categoria **os castigos escolares na atuação profissional**. De acordo com as práticas de castigos escolares DEISE (2016) traz alguns relatos.

Eu coloco o nome no quadro, falo assim, quem não se comportar e olho também com o olho firme, é por que hoje eu não estou mais assim de olhar com o olho firme, eu prefiro colocar o nome no quadro, de quem está se comportando e de quem não está se comportando, ai eles já ficam com **aquele medo**, aquela coisa assim, a única coisa que eu tenho para prender é isso, para deixar eu dar aula, para mim deixar explicar, é isso que eu faço, chamo a atenção deles dessa forma, converso e o olhar também chama muito a atenção, **intimida**. (DEISE, 2016. Grifo Nosso). Os comportamentos de Sofia também não são tão diferentes. Relata:

Eu deixava eles por cinco a dez minutos em uma cadeira a parte e lhes dizia que era o cantinho do pensamento, se eles fizessem alguma rebeldia, eles iriam ficar sentado de cinco a dez minutos, para refletir o que tinha feito e não tornar a fazer mais (...)Tiveram alguns alunos que eu deixava, por que eu falava, e eles não obedeciam e eu aplicava assunto, eles faziam mais demorava, aí na hora que os outros desciam, eu com o coração partido, mais eu punia, quando os coleguinhas desciam para brincar, ele pegava a sua lancheirinha e eu não deixava ele sair, eu dizia, vai ficar hoje e eu faço da mesma forma que faço com a minha filha. Amanhã se você obedecer,

você desce, se não, ficara de novo na sala. Eu normalmente deixava como castigo expressão numérica, caligrafia ou contas, era uma grande punição para eles. (SOFIA, 2016).

As práticas de castigos estão presentes nos relatos de DEISE (2016) e de SOFIA (2016), esses comportamentos são aplicados como forma de disciplinamento, utilizando-se do medo como forma de intimidar os alunos, com o objetivo de manter o controle, potencializando a ideia de que os alunos devem sempre obedecer a professora. No entanto, ao ser questionado se os castigos eliminam a disciplina, as mesmas relatam que não. De acordo com DEISE (2016), com os castigos “alguns ficam mais calmos, melhora e outros ficam do mesmo jeito”, então “na maioria das vezes não”. Já para SOFIA (2016), não considera essa prática como sendo a melhor forma: “Não, acho que a melhor forma é o diálogo, a partir do diálogo se não for solucionado aí sim vem o castigo”. Refletindo sobre o relato das docentes, se os castigos não são a melhor forma, porque ele continua sendo utilizado?

Percebe-se que a utilização dos castigos se apresenta como o meio de manter o controle, quando o que se está em questão, é o sucesso ou o fracasso em transmitir o conteúdo e poder ministrar as atividades planejadas. Diante desse contexto, nota-se que essas práticas de castigos foram construídas através de suas vivências ao longo do tempo, que se expressa sobre suas representações. Ao que tange esse contexto o *habitus* (BOURDIEU, 1990), surge como sendo construído através de um conjunto de práticas e experiências, nas quais não podem ser expressas apenas em um comportamento isolado, mas sim, na junção de diferentes formas, que irão ser internalizadas compondo significados e percepções. Esses comportamentos são práticas que foram vivenciadas e internalizadas, sendo expressadas ao longo da nossa vida. **Palavras Finais** Os castigos durante séculos se repercutem na nossa cultura como uma prática na qual objetiva punir comportamentos considerados indisciplinados. Essas práticas foram – e ainda são – consideradas como algo “normal” em nossa cultura, sendo percebida nos dias atuais por pais, docentes, entre outros, como uma forma de educar e disciplinar. Contudo, nos deparamos com questionamentos pertinentes: frente a essa temática, como poderíamos considerar essas práticas como ato pedagógico, se as próprias educadoras afirmaram que os castigos não eliminam a indisciplina?

Porém, o utilizam como uma “carta na manga”, mas por que é necessário

castigar?

Diante dos relatos das entrevistadas percebe-se que ao longo da construção de seus conhecimentos, o *habitus* foi se construindo sob diferentes formas, adaptando-se a cada novo contexto que lhe era exposto, formando com isso, novas representações e novos hábitos. Tanto Sofia quanto Deise, não exercem as práticas de castigos que vivenciaram em suas vidas, sendo introduzido novas formas de disciplinamento, no entanto, acabaram internalizando a certeza de que é necessário a existência do castigo, independente se irá suprir efeito ou não. Portanto, é notório que essas práticas de castigos não resolveram como não irão resolver questões a respeito de comportamentos indisciplinados. Através dos relatos dessas professoras, nos deixa a certeza do quanto é enriquecedor adentrar no “mundo” da disciplina e do castigo como construção cultural. Portanto, é fundamental possibilitar o desenvolvimento de reflexões, que nos conduza a compreensão desses problemas desafiadores e identificar possíveis lacunas existentes nos cursos de formação e nas suas práticas enquanto profissionais, para que possa contribuir com surgimento de trabalhos futuros e pesquisas voltadas para a temática apresentada.

Referências Bibliográficas: ARAGÃO, Milena; KREUTZ, Lúcio. Representações sobre a atuação docente na educação infantil. **Rev. educ. PUC-Camp.** Campinas, 18(1):9-17, jan./abr., 2013 BOURDIEU, Pierre. **Coisas ditas.** Tradução. São Paulo: Brasiliense, 1990 BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente.** Lei 8.069 de 13 de julho de 1990.

Disponível em:

< www.

planalto.gov.br

/ccivil_03/Leis/L8069.htm

>.

Acesso em: 21 jan, 2016. _____ **Lei de 15 de Outubro de 1827.**

Presidência da República. Casa Civil.Subchefia para Assuntos Jurídicos.

Disponível em:

http://

www.

planalto .gov. br/ ccivil _03/Leis/ LIM/ LIM-15-10-1827.htm

.

Acesso em: 21 set, 2013. _____ **Lei de Diretrizes e Bases da**

Educação Nacional de 1996 (Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996).
CHARTIER, Roger. Por uma sociologia histórica das práticas culturais. In: _____. **A História Cultural entre práticas e representações**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.p.17
FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão**. 30. ed. Petrópolis: Vozes, 2005.
LUCKESI, Cipriano. **Avaliação Escolar**. São Paulo: Cortez, 1999
MORAES, Roque. Uma tempestade de luz: a compreensão possibilitada pela análise textual discursiva. **Ciência e Educação**, São Paulo, v. 12, n. 3, dez. 2003.

Disponível em:

<[http://](http://www2.fc.unesp.br/cienciaeeducacao/Viewarticle.php?id=51&layout=abstract)

[www2.fc.unesp.br](http://www2.fc.unesp.br/cienciaeeducacao/Viewarticle.php?id=51&layout=abstract)

[/cienciaeeducacao/Viewarticle.php?](http://www2.fc.unesp.br/cienciaeeducacao/Viewarticle.php?id=51&layout=abstract)

[id= 51 & layout=abstract](http://www2.fc.unesp.br/cienciaeeducacao/Viewarticle.php?id=51&layout=abstract)>. SACRISTAN, José. Gimeno. **Poderes instáveis em educação**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.
SOUZA, Milena Cristina Aragão Ribeiro de. **Representações docentes sobre os castigos escolares**. 2015. 226 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2015.

Disponível em:

<[https://bdtd.ufs.br](https://bdtd.ufs.br/handle/tede/1543)

[/handle/tede/1543](https://bdtd.ufs.br/handle/tede/1543)>.

Acesso em: 08,jan, 2016.

Milena Aragão: Psicóloga. Mestre e Doutora em Educação. Professora da Faculdade Estácio de Sergipe. Coordenadora do Projeto de Pesquisa intitulado: "Castigos Escolares: Representações Docentes sobre a construção de uma prática". Contato: mi.aragao@yahoo.com.br

. O presente texto é um recorte do referido projeto de pesquisa, tendo como colaboradoras as estudantes Ana Lúcia Ernesto Santos e Jislley Rallinny Vieira Matos.

Ana Lucia Ernesto dos Santos: Graduanda do curso de Psicologia da Faculdade Estácio de Sergipe. Aluna de Iniciação Científica. E-mail: analuciaernesto@hotmail.com

Jislley Rallinny Vieira Matos: Graduanda do curso de Psicologia da Faculdade Estácio de Sergipe. Aluna de Iniciação Científica. E-mail: jislleyrallinny@hotmail.com

Milena Aragão: Psicóloga. Mestre e Doutora em Educação. Professora da Faculdade Estácio de Sergipe. Coordenadora do Projeto de Pesquisa intitulado: "Castigos Escolares: Representações Docentes sobre a

construção de uma prática”. Contato: mi.aragao@yahoo.com.br

. O presente texto é um recorte do refrido projeto de pesquisa, tendo como colaboradoras as estudantes Ana Lúcia Ernesto Santos e Jisley Rallinny Vieira Matos.

Ana Lucia Ernesto dos Santos: Graduanda do curso de Psicologia da Faculdade Estácio de Sergipe. Aluna de Iniciação Científica. E-mail: analuciaernesto@hotmail.com

Jisley Rallinny Vieira Matos: Graduanda do curso de Psicologia da Faculdade Estácio de Sergipe. Aluna de Iniciação Científica. E-mail: jisleyrallinny@hotmail.com

Recebido em: 02/06/2016

Aprovado em: 06/06/2016

Editor Responsável: Veleida Anahi / Bernard Charlort

Método de Avaliação: Double Blind Review

E-ISSN: 1982-3657

Doi: